



## Um trevo para você...<sup>1</sup>

Alice Regina Pacó de SOUZA<sup>2</sup>

Jimi Aislan ESTRÁZULAS<sup>3</sup>

Faculdade Boas Novas (FBN), Manaus, AM

### RESUMO

Jornalismo e literatura se fundem em um gênero repleto de especificidades próprias. A crônica assume uma forma híbrida enquanto gênero opinativo e transita entre o texto jornalístico e a narração literária. Com o objetivo de entender e exercitar os elementos de uma crônica, o presente trabalho versa sobre um tema bastante presente em nosso cotidiano: a sorte. Podemos entender essa repetição de fatos ou acontecimentos em nossa vida por obra do acaso, mas e no dia a dia, como as pessoas encaram o fator sorte? Numa conversa regada a um bom café, questionamentos podem surgir e a partir deles, peculiaridades em que episódios da vida real podem se transformar em um relato poético. A idéia deste trabalho é apresentar a crônica intitulada “Um trevo para você”, o contexto de elaboração, bem como a escolha do tema e do gênero escolhidos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crônica; Jornalismo Opinativo; Sorte; Literatura.

### 1 INTRODUÇÃO

A crônica “Um trevo para você” foi desenvolvida para avaliação bimestral da disciplina Leitura e Produção de Textos III. A atividade consistia na produção individual de um texto para um dos seguintes gêneros: coluna, crônica, resenha ou artigo.

Dentre as opções, elegi a crônica, por ser, segundo Coutinho (*apud* Melo 2003, pág.161) “um gênero literário autônomo, possuindo hoje uma forma literária de requintado valor estético”. Mais atual e elucidativa é a definição de Melo (2010, pág. 105), para ele “a crônica tem por objetivo transmitir ao leitor o juízo do jornalista/escritor sobre fatos, ideias e estados psicológicos pessoais e coletivos”.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria: Jornalismo, modalidade: Produção em Jornalismo Opinativo.

<sup>2</sup> Estudante do 5º Período do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Faculdade Boas Novas, email: arp.souza@hotmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Jornalista e Professor do Curso de Comunicação Social da Faculdade Boas Novas, email: jimiaislan@hotmail.com



A possibilidade de observar um fato, um acontecimento e enxergar ali um cenário com personagens reais e ser capaz de reportá-lo desfrutando a liberdade da expressão literária é desafiador e instigante.

Em sua origem, a crônica buscava registrar fatos e narrar acontecimentos em ordem cronológica. A própria etimologia do termo “*chronos*”, remete ao deus grego que representa o tempo. Essa temporalidade permaneceu na crônica moderna, parafraseando Melo (2003, p.155), ela assumiu a palpitação e a agilidade da atualidade. Para ele, o gênero “capta com argúcia e sensibilidade o dinamismo da notícia que permeia a produção jornalística”.

Essa possibilidade de registrar eventos de uma determinada faixa temporal e contá-los imprimindo neles o toque pessoal exige um olhar *sui generis* sobre o fazer jornalístico.

Vinícius de Moraes denomina o jornalista/escritor como um “prosador do cotidiano”, e ainda descreve suas ações:

Ele senta-se diante de uma máquina, acende um cigarro, olha através da janela e busca fundo em sua imaginação um fato qualquer, de preferência, colhido no noticiário matutino ou da véspera, em que, com suas artimanhas peculiares, possa injetar um sangue novo. (MORAES, 1962, p. 09)

Um sangue novo, um olhar diferente sobre um acontecimento ou uma conversa descomprometida dão vida e ressignificação à realidade. Eis o desafio da crônica, versar sobre o cotidiano, sobre o real, usando a liberdade criativa e a imaginação para captar uma circunstância e eternizá-la.

## **2 OBJETIVO**

O texto “Um trevo para você” foi escrito com o objetivo de desenvolver os assuntos discutidos em sala de aula acerca do Jornalismo Opinativo; aprofundar os conhecimentos teóricos e práticos propostos pela disciplina; conhecer os teóricos que debatem sobre o gênero e entender o contexto histórico em que o mesmo está inserido; além de promover a produção experimental na academia, estimulando a criticidade e aguçando o olhar sobre os acontecimentos que nos rodeiam. A meta deste trabalho é demonstrar que é possível fazer o relato poético e aprofundado de uma conversa informal, explicitando sua temporalidade e garantindo que o critério de noticiabilidade seja mantido, e acima de tudo, potencializar situações do dia a dia, e usar essa realidade contingente a ressignificando.

### **3 JUSTIFICATIVA**

De acordo com Melo (2003, pág. 156), “o cronista atua como mediador literário entre os fatos que estão acontecendo e a psicologia coletiva”. Ao escolher o tema para a crônica “Um trevo para você”, procurei ser fiel às características fundamentais do gênero, como a fidelidade ao cotidiano, que mantém a relação com o que está acontecendo; e a crítica social, traço essencial da crônica moderna.

O tema sorte se apresenta das mais diversas formas em nosso cotidiano, num “simples cruzar de dedos ou ao desejar boa sorte a alguém”, sendo assim, está inserido no contexto social e tem a potencialidade de aguçar a atenção de um jornalista/escritor, que consegue captar a partir de um aspecto pitoresco algo que nem sempre é percebido.

A crítica social começa a tomar forma a partir de questionamentos que acompanham uma conversa que expõe o fator sorte em eleições presidenciais, “Para ser eleito presidente de um país, o candidato precisa somente contar com a sorte?”. A crítica social aguça o espírito público e contribui para a formação do cidadão, ela exercita nossa cidadania e reforça o compromisso com a sociedade.

A partir de Beltrão (1980), quanto ao tema, podemos classificar esta crônica como urbana, pois versa sobre “a vida cotidiana, atuando como uma espécie de antena coletiva, captando as tendências da opinião pública na comunidade em que se localiza”. E quanto ao tratamento dado, insere-se como crônica analítica, pois expõe o fato com brevidade, para depois dissecá-lo objetivamente.

### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Por transitar pelo jornalismo e pela literatura, a crônica assume características peculiares que a destacam em colunas da imprensa diária e periódica. Por oferecer ao leitor a possibilidade de observar um fato a partir de uma nova ótica, ela pressupõe que esse autor tenha uma visão ampla e aguçada sobre a realidade. Vivaldi (*apud* Melo 2010, pág.105) caracteriza o gênero como “a valoração do fato ao tempo em que se vai narrando. O cronista ao relatar algo, nos dá sua versão do acontecimento; põe em sua narração um toque pessoal”. É, portanto, um espaço de liberdade, de visão particular e subjetiva do autor, em que ele pode expor seu entendimento sobre um fato ou acontecimento a partir do que Paulo Freire chama de “visão de mundo” e de sua imaginação literária.



No texto “Um trevo para você”, o comparecimento da crônica se justifica plenamente pela presença de um movimento de captação da realidade. E essa assimilação é única, principalmente quando se trata do que é óbvio, mas nem sempre é percebido. Assim, a crônica assume tanto o poder de potencializar os recursos do jornalismo, quanto desfrutar a expressão literária. Para Sá, a crônica,

por ser híbrida, pode seguir qualquer direção, sem medo de errar o caminho. Por tender à literatura, pode tranquilamente utilizar os sentimentos como matéria –prima para a produção do texto. E pelo fato de muitas vezes fundamentar-se em notícias jornalísticas, pode contribuir para a compreensão crítica das informações. (SÁ, 1997)

Na literatura, as crônicas marcaram a expressão de uma determinada época e assumiram um papel importante do ponto de vista histórico. Os relatos sobre viagens, conquistas e descobertas se tornaram documentos reais, pois narravam, em ordem cronológica, a vivência de uma época, o modo de vida e os costumes, destacando o momento histórico-cultural a partir da experiência do observador.

E foi como expressão de um relato histórico que a crônica chegou ao jornalismo. Ela começou a ganhar espaço em 1852, como Folhetim, o que segundo Melo, (2003, pág. 152) era “um espaço que os jornais reservavam semanalmente, para o registro do que aconteceu no período. Sua redação era confiada a escritores (poetas ou ficcionistas)”. Nomes como Francisco Otaviano, José de Alencar, Machado de Assis, Raul Pompéia, entre outros, são representativos dessa época.

Vale destacar que esses nomes significativos da literatura encontraram na imprensa amparo financeiro, pois à época a produção de livros não gerava grandes lucros. Além disso, os escritores tinham a possibilidade de ver seu texto impresso e assim, conquistar o público e ganhar notoriedade.

Mas, nesse período, o folhetim ainda não possuía os moldes da crônica de hoje, Mas a variedade de assuntos já quebrava o estilo denso dos periódicos tradicionais.

Para Afrânio Coutinho (*apud* Melo 2003, pág.153) a crônica toma novo fôlego com Machado de Assis, ao assumir um estilo próprio, que confessava ser um “escrever brasileiro”. A pena machadiana aproximava os leitores dos acontecimentos por meio da linguagem coloquial com que tratava as narrativas.



A partir daí, a crônica foi assimilando características próprias, e em virtude dessa nova configuração, aclimatada pelo fervor nacional, ela ganhou o status de ser proclamada por Marques de Melo, como “um gênero tipicamente brasileiro”.

A Semana de Arte Moderna em 1922, e o desenvolvimento da imprensa intensificaram essa busca por uma identidade nacional. Um novo panorama cultural brasileiro começa a surgir e em 1930, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Rubem Braga consolidam os traços da crônica moderna. Para Melo, ela possui características distintas:

Enquanto a crônica de costume se valia do real (fatos ou ideias do momento) simplesmente como “deixa” ou como inspiração para um relato poético ou para uma descrição literária; a crônica moderna assume a palpitação e a agilidade de um jornalismo em mutação. Ela figura no corpo do jornal não como objeto estranho, mas como matéria inteiramente ligada ao espírito da edição noticiosa. (MELO, 2003, p. 155)

Nesses moldes, a crônica assume o ideal de ser fiel ao cotidiano e esboçar uma crítica social. Para isso, ela exige de seu autor concentração e uma constante observação acerca dos fatos que o rodeiam, senso crítico e habilidade no trato com as palavras.

Além de observar bem os fatos, ele deve possuir um repertório linguístico que seja capaz de envolver o leitor e proporcionar-lhe entendimento acerca da percepção que o autor teve sobre o fato.

A beleza do discurso está no estilo empregado, e para tanto, o uso dos recursos linguísticos, figuras de palavras e as figuras de pensamento são elementos que dão tom e colorido à narrativa.

A produção de um texto harmônico pressupõe domínio sobre as técnicas literárias que, se combinadas à capacidade imaginativa e à criatividade, podem ser o diferencial na realização de um texto original e interessante.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

O título da crônica “Um trevo para você” faz referência a um dos mais conhecidos símbolos de sorte. O trevo é considerado um amuleto para quem o possui, e essa tradição está relacionada ao fato de normalmente, a planta possuir três folhas, ou como admite a biologia,



sub folhas. Não se sabe ainda se por fatores genéticos ou ambientais, alguns trevos possuem quatro, por isso, quem encontra o artigo raro é considerado um afortunado.

O trabalho nasceu após observar a conversa de dois senhores, em uma padaria da cidade de Manaus, que discutiam sobre as eleições presidenciais. Notei que naquela conversa poderia captar o que apregoa a crônica urbana. Liguei minha antena coletiva e captei um momento pitoresco em que opinião pública se manifestava. Momento esse que certamente passou despercebido para muitos que ali estavam, mas que chamou a minha atenção enquanto estudante de jornalismo. Uma cena real do cotidiano se desenhava em minha frente, a partir daí, o desafio era colocá-la no papel e dar-lhe a conotação de crítica social.

O fator sorte em eleições presidenciais levantou vários questionamentos, principalmente acerca da cidadania. E como fazer para procurar entendê-los? Os livros trazem as respostas. Literatura, antropologia, sociologia e psicologia discutem o tema e quebram conceitos pré-concebidos e instaurados na sociedade. Essa busca pela objetividade e detalhamento é que também a caracteriza como uma crônica analítica.

Ao longo de oito parágrafos exponho a situação de onde a crônica nasce, teço questionamentos e procuro respostas à luz das ciências que já discutiram sobre o tema. No penúltimo capítulo, trago minha percepção sobre o que é ser uma pessoa de sorte, onde defendo que são nossas atitudes que demonstram o sucesso ou insucesso de uma empreitada. E por fim, entrego para o leitor a opção de tirar sua própria conclusão.

## **6 CONSIDERAÇÕES**

Para ter sorte, algumas pessoas costumam colocar pés de coelho na bolsa, evitam passar sob escadas, carregam amuletos ou trevos em suas carteiras. Essas superstições estão arraigadas em nosso cotidiano e por vezes, são manifestadas em atos simples como ao desejar sorte a alguém.

A crônica “Um trevo para você” é repleta dessas manifestações. Para além do tema a que se refere, afinal, estar no lugar certo, na hora certa não é “coisa do destino?”.

Procurei visualizar o assunto em questão, com olhos de aspirante à jornalista, de cidadã e de eleitora, minha percepção pessoal buscou encarar os fatos não com um olhar simplista, mas tentando enxergar com a perspicácia peculiar dos jornalistas.

Busquei recortar de uma conversa prosaica, expressões da vida e do pensar de cidadãos comuns. A realidade pragmática daquele momento revelou aspectos do cotidiano que



viraram pretexto e deram inspiração para, como faziam os escritores de outrora, o “correr da pena”.

E vale ressaltar que ao tentar ultrapassar os limites desse acontecimento cotidiano, os preceitos do bom jornalismo não foram deixados de lado. Na verdade, eles são potencializados na observação atenta, na abordagem ética, na contextualização do fato e na exposição dos diferentes pontos de vista. A possibilidade de suscitar novas interpretações, de elencar outras abordagens, proporciona ao leitor uma visão ampla da realidade.

Paulo Freire pregava que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, aos cronistas modernos essa máxima é ainda mais potencializada, principalmente sob o aspecto que os permite eternizar a maneira singular com que lêem esse mundo: a escrita.

A aventura intelectual que a crônica nos proporciona exercita a autonomia, a criticidade, a liberdade imaginativa e a criatividade. Em “Os filhos da Candinha”, Mário de Andrade (1943, pág.10) diz que a crônica era “uma válvula verdadeira por onde eu me desfaticava de mim”, é o momento em que o jornalista/escritor pode reforçar seu compromisso com a sociedade exercitando sua cidadania. Na crônica “Um trevo para você”, a crítica social está presente nos questionamentos levantados acerca do tema: eleições presidenciais, pois acredito que é dever do jornalista/escritor contribuir para a formação do cidadão expondo a realidade e dando-lhe diferentes interpretações.

Por fim, como uma “prosadora do cotidiano” (emprestando o termo criado por Vinícius de Moraes), acredito que ao seguir o meu instinto, aproveitei uma oportunidade ímpar. Ao versar sobre a vida real, descobri-me nesta máxima de Bilac: “no fundo da alma de todo o repórter há sempre um poeta”. Disto isto, creio, enquanto estudante de jornalismo e cidadã, ter alcançado meus objetivos com a crônica “Um trevo para você”. Proponho então um brinde à sorte e àqueles dois senhores, mas com café, algo tão brasileiro quanto a crônica.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANDRADE, Mário de. **Os filhos da Candinha**. Sao Paulo, Martins, 1963.

BELTRÃO, L. **Jornalismo Opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BILAC, Olavo. **Ironia e piedade**. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1916.

BORGES, J. L. **Ficções**. Lisboa, Portugal, 1969, pág. 65.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3ª ed. revista e ampliada. Campos do Jordão: Ed. Mantiqueira, 2003.



MELO, José Marques de; ASIS, Francisco de(orgs). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo. Ed. Metodista, 2010.

MORAES, Vinicius de. **Para viver um grande amor**. São Paulo: N/A, 1962

SÁ, J. **A crônica**. São Paulo: Autêntica, 1997.

SENA, Odenildo. **A engenharia do texto**: um caminho rumo à pratica da boa redação. 3ª ed. revista. Manaus: Ed. Valer, 2008.